

© Gabriel Machado Araujo, 2019
Jardim Nova Esperança, São Paulo-SP

ENTREVISTA

COM LIA ESPERANÇA

Jardim (de) Esperança

POR: ARTHUR SIQUEIRA, ANDREA LAMPIS E CÉLIO BERMANN

Lia, você pode contar pra gente onde é que você nasceu e como é que você veio para São Paulo?

Meu nome é Maria de Lourdes Andrade Silva, mas todos me conhecem como Lia Esperança. Sou baiana do interior, numa cidade que se chama Itaberaba. Nessa cidade até hoje não existe favela. Lá a pessoa mais pobre que não tem condições de construir uma casa de tijolo constrói de pau-a-pique, uma forma sustentável tanto pro bolso como pra natureza.

Aos 16 anos tinha me casado pela primeira vez. Convivi com o mesmo marido, mas ele me maltratava e eu resolvi separar dele. Em 1994 eu resolvi me mudar para São Paulo, aqui trabalhei num supermercado onde eu conheci o Wagner, que é meu esposo atual e que trabalhava nesse supermercado também. Em 1998 descobri que existia a favela. Isso foi quando a minha sogra veio morar aqui na Vila Nova Esperança. Aqui na Vila a maioria das famílias é da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Ceará, também tem daqui de São Paulo; muita gente é nordestino, que não tinha condição de pagar aluguel e terminou vindo aqui na Vila.

Lia, como foi sua chegada na comunidade e a origem do processo de transformação da mesma numa comunidade sustentável?

Cheguei na Vila Nova Esperança em 2003 e em 2006 descobri que havia um processo para remover todas as famílias da comunidade porque esse espaço é de preservação ambiental. Em 2010 fui eleita presidente da associação, pois aqui tem uma eleição onde a comunidade escolhe seus líderes comunitários. Em 2010 eu substituí a antiga líder da associação e a partir dali eu comecei a ver qual era o motivo daquele processo para tirar a comunidade. A razão, segundo eles, era que a promotória do meio ambiente dizia que nós estávamos destruindo o meio ambiente e era com essa motivação que eles queriam tirar as famílias daqui.

Vendo isso eu vi que, na verdade, cuidar do meio ambiente é também cuidar da família, porque a natureza em si, o homem e as árvores, eles já são natureza e foram feitos para conviver juntos numa forma pela qual cada um respeite ao outro e a outra. Portanto, foi a partir dessa experiência que eu comecei a falar para o promotor de sustentabilidade e que para proteger esse espaço não era necessário tirar as famílias que estavam ali desde 1960. Tirar as famílias para que? Para levá-las para outros lugares onde elas não teriam emprego ou escolas para seus filhos? Aqui na Vila elas já tinham uma raiz, já tinham umas amizades; a convivência entre as famílias aqui faz parecer como se as pessoas fossem da mesma família. Mas como eu sou da favela, falava pro promotor e ele não me dava ouvido. Contudo, foi em 2013, quando eu chamei as famílias e falei para elas que tínhamos que mudar nossa estratégia com a justiça. A gente precisava fazer a nossa parte, sem esperar que o poder público fizesse por nós o seu dever que é trazer saneamento básico, água, fonte de dignidade para qualquer



.....

**Entrevista com Maria
Lourdes de Andrade Silva
(Lia Esperança)**

cidadão, luz e o esgoto, que também são essenciais para a vida do ser humano, e a coleta do lixo. Nós começamos falando que não era porque não tínhamos dinheiro que a gente tinha que ficar dentro do lixo. A gente podia começar fazendo mutirões para liberar o espaço, e essa foi a primeira ação que nós fizemos. Nessa ação nós chamamos não só alunos da USP e de outras faculdades, mas também outros alunos para fazer as coisas dentro dos parâmetros estabelecidos pela lei. Depois disso eu achei que ainda não estava trazendo sustentabilidade para dentro da comunidade. E foi assim que nós pensamos em fazer a horta comunitária, embora no momento de fazê-la nem todo mundo aceitou a ideia. Uns diziam: “eu tenho condição de comprar uma alface, eu tenho condição de

comprar um tomate”. O que eu quis mostrar pra eles era uma forma de trazer para dentro da comunidade a sustentabilidade, ensinar as pessoas a conviver com a natureza e trazer para dentro da comunidade a segurança alimentar. Com tudo isso que fizemos nós diminuimos a ida da gente para o hospital e melhoramos a saúde usando plantas medicinais, já que a gente tem uma sabedoria que vem dos nossos avôs, dos nossos bisavôs e fomos capazes de passar esse conhecimento para essas pessoas da comunidade. Isso foi bem legal, um processo que tem dado tão certo que começou a atrair até faculdades de fora do Brasil, que passaram a se interessar pelo nosso trabalho.

E o bairro da Vila Nova Esperança, ele é regular ou ainda não?

Nós estamos ainda brigando pela regularização da comunidade, o que eu acho um absurdo. Eu tenho mais de 17 anos aqui, mas tem pessoas que nasceram aqui e até hoje ainda não se regularizou este espaço; eu acho isso uma falta de vontade, não é porque não tem condição. Nos últimos 60 ou 80 anos a Prefeitura ou a CDHU nunca teve condição de regularizar esta área? Acho que é uma falta de vontade. Eles dizem que não se regularizou porque é uma área de preservação ambiental, mas muito antes que houvesse uma lei ambiental a Vila Nova Esperança já existia, e então, se Vila Nova Esperança já estava bem antes da lei ambiental porque eles não fizeram nada? Eu não concordo quando eles falam que a Vila

está numa área de preservação. Hoje nós já mudamos de zoneamento. Nós conseguimos isso através do plano diretor da cidade em 2014 e hoje nós não estamos mais numa ZEPAM, mas dentro duma zona de interesse social, uma ZEIS 1 .

Voces fazem um controle da ocupação na Vila?

Aqui a gente faz tipo um censo, como o IBGE não vem aqui para fazer um censo, nós moradores juntos com os alunos e uma ONG, fazemos um levantamento. Nós fizemos em 2018 e contamos 600 famílias. Depois que veio a pandemia no início deste ano, fizemos outro levantamento em cada rua e pelo WhatsApp e a gente descobriu que a gente estava com 660 famílias. Só que aqui não é para aumentar as famílias. Como eu não posso impedir isso, só a Justiça pode impedir de entrar, nós descobrimos que estamos com 660 famílias e temos 500 famílias que com certeza tem energia elétrica e água já regularizada, mas tem mais de 100 famílias que não tem água e energia, eles estão fazendo o gato.

A comunidade fez um acordo com a SABESP que concedeu um terreno para a Associação utilizar. Vocês até ganharam um prêmio no tema de Sustentabilidade Ambiental. Conta como está este acordo?

Nesse terreno nós temos uma construção, com uma cozinha muito organizada e um espaço social. Segundo a Sabesp, eles iam passar a cessão da terra durante um certo tempo pra gente continuar trabalhando dentro deste espaço. A gente começou fazer as coisas para transformar o espaço, mas é muito demorado, mas a gente continua conversando. Nós temos que agradecer a boa vontade da SABESP por nos deixar fazer nossa horta, mas a gente também ajuda a SABESP, garantindo que os moradores e os vizinhos que usam aquele terreno façam isso com cuidado, sem estar jogando mais entulho, lixo, etc. Eu tenho fotos daquele terreno como era e como está hoje, e gosto sempre de tirar fotos, porque se amanhã alguém diz, “ah não, aqui foi sempre bem cuidado”, eu posso mostrar que não, que aqui não foi sempre bem cuidado, o terreno era assim, e olhe hoje como está.

Lia, qual é o tipo de acesso à energia que os moradores têm na Vila?

As pessoas que moram na favela sofrem muito pela falta de energia, de água, e esgoto. A gente sempre escuta dizer que não tem verba pra isso, não tem verba para aquilo. Porém, eu vejo que tanto para a água, o esgoto e a energia tem sistemas baratos para ter eles dentro das comunidades. Na Vila Nova Esperança, a gente tem energia regularizada e água, mas nós sofremos para conseguir os serviços. Vou falar primeiro da água. Antes a gente tinha que ir dentro da mata, buscar água nas minas que tem na mata; as pessoas iam com baldes e mais baldes para lavar as roupas, as louças,

tomar banho e até para beber. Hoje nós já temos a água regularizada e a energia, aqui já morreu gente pela falta de energia, eles faziam o gato, o famoso gato né?! A água foi regularizada em 2005, ela só foi regularizada porque as pessoas estavam tomando a água das minas. Então, como essas minas lá dentro não tem um tratamento, acho que ela podia trazer doenças. Mas a energia demorou muito mais, a energia teve que morrer gente para que depois, com muita briga, a gente conseguisse. Para vocês terem uma noção, teve pessoas que nasceram e morreram aqui com 60 anos ou 80 anos e não souberam o que é tomar um banho de chuveiro quente. A energia só foi regularizada em 2014.

E quanto ao gás?

Dentro da comunidade a gente sofreu muito no tempo frio, porque é difícil você pegar uma criança para dar um banho no frio e não ter como comprar botijão para esquentar sua água, ou também fazer seu alimento. O que é que acontece com essa falta de gás? Tem o rabo quente, que é uma resistência de chuveiro ligada a um fio que a gente coloca na tomada, e depois dentro da água para esquentar. É isso o que acontece, sem contar que é um perigo para o fogo dentro das casas e pode matar pessoas. Sem falar que nós sofremos com pessoas idosas que tem bronquite e precisavam de energia para fazer a inalação; em mais de uma ocasião eu acordei na madrugada com mães pedindo para fazer qualquer coisa porque o filho estava morrendo com asma e não podia fazer inalação porque não tinha energia. E é muito difícil quando você vai nas comunidades, que ainda não têm energia ou até não tem água e estão sofrendo, ainda mais neste tempo de pandemia quando a gente tem que lavar muito as mãos e não tem como porque a gente não tem nem água. Eu acho que nossos governos têm que priorizar a água, a luz e o esgoto, que são prioridades para nossas vidas.

Lia, o gás natural não chega na vila, certo? O botijão passou a ser muito caro, qual foi o efeito para a comunidade o alto custo do botijão? Tem gente que pelo alto custo abandonou o botijão e passou à lenha?

Tem muita gente nessa pandemia que ficou em casa que faz os seus bicos, que faz uma faxina, uma aqui, outra ali,

elas ficaram sem gás que é muito caro. A alternativa era ou comprar o gás ou o pão. Essas pessoas estavam fazendo o fogo com a lenha. É um pessoal pobre mas muito inteligente, porque elas se viram nos trinta e elas não deixam os filhos passar fome. Eles fazem um forno com tijolo no chão, pegam quatro tijolinhos e fazem de um jeito que caiba uma panela e colocam ali para cozinhar pelo menos um feijão para dar a seus filhos.

Essas pessoas não tem condição de comprar a lenha, elas reciclam. Assim, se você vai a algum lugar você pode ver onde há cata bagulho, tem madeira que é usada na construção. Ali tem aquele tronco de eucalipto que a gente compra para fazer pontalite para escorar laje, mas eles descarregam assim e esses moradores ficam de olho pra ir lá e pegar. Uns aproveitam para reformar sua própria casa, outros aproveitam para fazer lenha para cozinhar, então é na base da reciclagem.

E esse material é recolhido na vizinhança?

Sim, na vizinhança porque a gente mora do lado do Parque Tizo, No final da cerca do Parque tem um lugar do lado de fora onde lá fazem descarte de muita coisa. E a gente vai lá mesmo. Conheço uma pessoa que tem um carro velho, vai lá e traz o carro lotado de madeira e outras coisas que servem para ele reciclar.

Durante a pandemia, para as famílias que não tinham pão, a associação recebeu a colaboração de muita gente e deu cestas básicas para elas. Depois apareceu um abençoado que deu botijão cheio. Quem tinha, ia lá e trocava, isso ajudou muito. Esse auxílio ajudou muita gente e está ajudando ainda.

Lia, como é divisão entre homem e mulher no acesso à energia na Vila?

Eu vejo na comunidade o seguinte. Hoje a mulher está com toda a força, a maioria das mulheres na comunidade não têm marido. Ela é o homem e a mulher ao mesmo tempo. Mas também tem o homem na linha da frente junto com a mulher, um

indo pra um lado, o outro para outro, e se ajudando. Eu vejo aqui em casa, eu estou aqui correndo atrás para resolver as coisas da comunidade mas eu tenho meu esposo fazendo de tudo para não faltar o pão em casa. Então, tem outras famílias da mesma forma, como também tem mulheres que têm seu esposo em casa mas está doente, eles não conseguem mais trabalhar e elas tem que se virar nos trinta, não só para não deixar faltar a energia mas também o gás e a água, e tudo enfim... Para não trazer prejuízo para suas casas, para não deixar faltar o pão de cada dia para seus filhos, as necessidades básicas.

Todos têm geladeira na comunidade?

Eu sempre falo que morar na favela, na Vila Nova Esperança, é uma escola por causa disso. Porque eu morava num apartamento, e ali naquele apartamento eu tinha vários vizinhos, eram não sei quantos andares e eu não os conhecia. Nós só nos encontrávamos na hora que estávamos chegando, dávamos bom dia, boa tarde, e eu não sabia o que acontecia na casa dos vizinhos, e eles também não sabiam o que acontecia na minha casa. Morar na favela foi um dos lugares que me ensinou muito, pois onde há pessoas amorosas umas com as outras, os vizinhos aqui fazem o seguinte: “eu tenho uma geladeira velhinha, e eu consegui comprar uma nova, e minha vizinha não tem. Então eu já passo pra ela a geladeira”. Aqui é assim, conforme as pessoas vão tendo melhores condições, se eu tenho um sofá e compro um me-

lhor, dou para alguém que não tem sofá. Aqui todos tem geladeira, e quando não tem se faz isso. Eu falo que dentro da Vila Nova Esperança eu aprendi o que é o amor e o que é a dor.

E os computadores para os estudantes da comunidade? A pandemia mostrou a necessidade de todos terem um computador ou um celular que acesse uma aula ou uma reunião. Como a comunidade da Vila Nova Esperança está enfrentando essa situação?

Nessa pandemia, a comunidade não tem computador. Tem pessoas que têm celular que nem para o WhatsApp serve, só recebe ou faz ligação quando o dono tem condições de colocar o crédito, né? O

que eu vi nessa pandemia foi um grande prejuízo na parte da educação porque a maioria das crianças da comunidade ficou sem poder fazer suas atividades, porque elas não tinham um computador, elas não tinham um celular que desse pra elas estarem fazendo suas lives junto com os professores.

Eu acho que deveria ter uma forma do próprio poder público tornar possível o acesso a esses equipamentos. Eu acho que se a gente não tratar a educação com mais qualidade, ter mais formas de trazer uma educação para todos, porque hoje quem tem dinheiro tem uma educação legal, mas quem não tem dinheiro não tá tendo essa mesma educação. Eu vejo que tem que mudar isso. Para nós termos uma cidade melhor, um país melhor, a partir



do momento em que todos serem educados da mesma forma. A gente tem que estar cutucando, falando com quem tem, pessoas, empresários, para trazer notebook, não precisa ser de primeira linha, mas um notebook que as pessoas possam entrar, se conectar, e fazer as coisas que devem ser feitas. Aí falam: “o nosso mundo vai tá cada vez mais inovado, vai ser isso”, mas de que adianta a inovação se nas periferias continua atrasado?

Como está a situação dos postes de eletricidade na Vila? São bons, são precários? Tem uma boa gestão da empresa?

Os postes tá tudo bem, foram colocados desde 2014, não temos problema nenhum com poste caindo. A única coisa que eu vejo é que a Eletropaulo era melhor, e agora mudou, não é mais Eletropaulo, eu preferia a Eletropaulo do que essa Enel. Essa está deixando muito a desejar, eles cobram a conta duas vezes, eles cortam energia de quem pagou, eles estão mandando as contas de qualquer jeito, e outro dia mesmo eu tive que brigar, eu não tinha nenhuma conta atrasada, e eles me ligando falando que tinha conta atrasada. Me disseram: moça vou por seu nome no SPC, e eu digo: coloca! Porque depois de colocar eu vou te processar e ai você vai me pagar. Então hoje eu vejo que a energia é boa mas quem tá na frente do trabalho é ruim.

Você tem ideia de quantas pessoas não conseguem pagar a fatura de energia com regularidade?

Aqui tem muitas, pois sou eu quem recebe as correspondências. O que

eu recebo de correspondências de pessoas que não conseguem pagar a conta no dia certo é muito! E mandam as cartas para elas ameaçando que vão cortar. A maioria também não paga porque eles não estão medindo a conta, tem gente que não recebe nem o boleto pra pagar. Então quando ligamos eles mandam a gente imprimir. A pessoa tem o dinheiro contado para pagar e ainda ter que gastar 5 ou 6 reais para imprimir uma conta, eu acho isso um absurdo!

Todas as família tem tarifa social?

Sim, todas tem tarifa social. Mesmo com a tarifa social a conta está vindo enorme. Nessa pandemia ficamos 3 meses sem pagar. Quando veio a conta, veio 300 ou 400 reais. O que adiantou eles não mandar a conta e mandar tudo de uma vez se a pessoa não tem condição de pagar?

